

Em súpula, a ciência e a tecnologia, doravante apoiadas pela informática, especialmente através da inteligência artificial, verão cada vez mais automatizados, de forma simbiótica com o homem, os processos da sua própria criação de conhecimento e com retroacção positiva!

Mas o melhor será mesmo o leitor interessado pela «ciência e comunicação» começar pelo princípio e ler primeiro o excelente livro do meu amigo João Carça...

LUÍS MONIZ PEREIRA

Fritz Ringer, Max Weber's Methodology. The Unification of the Cultural and Social Sciences, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1997, IX + 188 páginas.

F. Ringer é um conceituado historiador das culturas e das transformações dos meios universitários alemães e franceses dos finais do século XIX e primeiro quartel do século XX. Os principais temas de investigação por

ele desenvolvidos ao longo da sua carreira académica nos Estados Unidos — *The Decline of the German Mandarins, 1890-1933* (1969) e *Fields of Knowledge: French Academic Culture in Historical Perspective, 1890-1920* (1992) — implicavam, sobretudo no que concerne ao primeiro trabalho, uma grande familiarização com as obras e as biografias intelectuais dos principais protagonistas da «querela dos métodos» na filosofia do conhecimento e nas ciências sociais suscitada pelo tropismo interpretacionista da chamada segunda «escola histórica alemã». Foi no decurso dessas investigações que ele se compenetrava da importância das orientações e das contribuições teóricas e metodológicas de Max Weber, as quais se lhe afiguram ser ainda hoje «particularmente pertinentes e fecundas» (p. 171). Daí este seu ensaio exclusivamente consagrado à génese e ao desenvolvimento dessas conceptualizações, através do qual ele procura restituir a abrangência e a profundidade da filosofia da ciência social elaborada num contexto histórico e intelectual singular, o da Alemanha guilhermiana, lançada no processo de edificação política de um Estado-nação, no qual se envolveriam profundamente as instituições e as culturas universitárias, nas quais se ancoravam os diversos meios académicos herdeiros da tradição humanista e idealista da *Bildung*. Optando por uma abordagem selectiva da obra de Weber para melhor se concentrar sobre os textos que ele considera como os mais representativos do

n.º 56, *Analytical Philosophy in Portugal*, António Zilhão (ed.), Amsterdão/Atlanta, GA, 1999, xi, 24 páginas.

desenvolvimento das teorias metodológicas weberianas, o livro organiza-se à volta de um ponto fulcral constituído pelo capítulo 3, «Singular causal analysis» (pp. 63-91), ou seja, a explanação historicamente específica a que devem conduzir as análises simultaneamente interpretativas e explicativas dos fenómenos culturais e sociais, na qual se integra o dispositivo do ideal-tipo em que radica o essencial dos procedimentos dessa «análise causal singular». Em complemento a esse capítulo central, o autor revê mais em pormenor esses procedimentos no capítulo seguinte, «Interpretation and explication» (capítulo 4, pp. 92-121). Quanto aos dois capítulos iniciais, o autor começa por caracterizar, primeiro (1, «Aspects of Weber's intellectual field», pp. 7-35), o contexto intelectual herdado da tradição histórica alemã em que ocorre a génese da conceptualização da metodologia da probabilidade objectiva indexável aos eventos culturais e sociais para os quais se procuram as causas adequadas, distintas nos seus objectos, mas não no seu estatuto epistemológico do estudo da causalidade praticado nas ciências da natureza, tal como o autor procura mostrar no capítulo 3, ao discutir, do ponto de vista da metodologia weberiana, as posições do neopositivismo representadas no ensaio pelos trabalhos do filósofo Carl G. Hempel. Após essa contextualização segue-se um rápido capítulo sobre a adaptação efectuada por Weber das posições de Rickert, um momento aparentemente

decisivo para a reformulação weberiana da herança da tradição histórica alemã no sentido de a dotar das sólidas fundações teóricas de que ela carecia para abarcar um conjunto mais abrangente de questões sócio-culturais e, subsequentemente, o estudo histórico mais sistemático da sociedade moderna (p. 60). Quanto aos dois restantes capítulos que se seguem ao referido núcleo central constituído pelos capítulos 3 e 4, um aborda a problemática «objectividade e neutralidade relativamente aos valores» (5, pp. 122-149), equacionada por volta de 1910 por Weber em termos que antecipam as formulações contemporâneas dessa mesma questão (MacIntyre, Winch, Lukes, Davidson), enquanto o último capítulo (6, «From theory to practice», pp. 150-167) se centra sobre um exemplo de aplicação prática na obra de M. Weber, o da ética protestante.

De língua materna alemã e especialista da história moderna da Alemanha, F. Ringer reúne as exigentes qualificações requeridas para abordar inúmeras questões colocadas pelas traduções por vezes aproximativas e persistentemente lacunares, assim como pela contextualização intelectual e académica da obra de M. Weber. Daí as expectativas muito elevadas suscitadas pelo tema apelativo consignado no subtítulo do ensaio, *The Unification of the Cultural and Social Sciences*, o que só pode conduzir a um relativo desapontamento quando verificamos que esse tema, objecto dos actuais questionamentos que vieram reacender as

«guerras entre disciplinas» na área dos estudos culturais e sociais, só é explicitamente abordado na curta conclusão de seis páginas colocada na sequência da única passagem do ensaio consagrada, também muito expeditamente, à exemplificação da aplicação prática da «análise causal singular», através da idealtipificação da ética protestante (pp. 163-167). Num ensaio que procura mostrar a relevância, mais actual do que nunca, da estratégia weberiana reposta na integração da interpretação das razões do agir de determinados tipos de homens e da explanação causal pela via do cálculo das *chances* de vida que elas recobrem na vida prática em que se manifestam os estilos e os géneros de vida historicamente singulares poder-se-ia esperar que, em defesa de uma perspectiva analítica própria da abordagem dos fenómenos sociais e culturais que envolvem uma elevada carga simbólica, o autor prosseguisse as pegadas do seu ilustre modelo e convocasse exemplos mais actuais proporcionados quer pelas novas questões da história das relações de género ou da história do pluralismo cultural (minorias «étnicas», racismo), quer pelas questões que colocam, no plano da comparação transcultural, as modalidades asiáticas do desenvolvimento do capitalismo, sendo que através destas haja quem vislumbre manifestações do *ethos* económico budista que sugere a existência de outras configurações históricas matriciais do capitalismo, o que convida, desde logo, a

uma relativização da célebre tese weberiana e a uma clarificação mais exigente do dispositivo teórico-metodológico da «idealtipificação».

Contudo, há que reconhecer que os critérios dessa escolha são congruentes com o campo da especialização académica do autor enquanto historiador, o que retira uma parte dos fundamentos às críticas que lhe endereçou a recensão de Guenther Roth (1999), co-tradutora e co-editora, com Claus Wittich, da edição em inglês (EE.UU.) de 1978 de *Economy and Society*, referenciada, de resto, na bibliografia drasticamente selectiva do ensaio de F. Ringer como uma das raras traduções em inglês (três, ao todo!) das obras de M. Weber dignas de confiança (*sic*) (p. 179). É interessante notar que a tonalidade globalmente crítica que sobressai dessa recensão sociológica contrasta fortemente com o tom de celebração de um evento marcante nos estudos weberianos adoptado em comentários e em recensões de outros académicos norte-americanos, como atestam os três excertos claramente elogiosos reproduzidos na contracapa (assinados, respectivamente, por Donald Fleming, Dennis H. Wrong e Stephen Kalberg). A avaliar por essas diferenças de recepções do ensaio de F. Ringer, facilmente se aperceberá que a obra de M. Weber se tornou um objecto de acesas controvérsias no actual contexto intelectual e universitário norte-americano, um contexto profundamente marcado, como se sabe, pela efervescência desconstrutivista em que participam

os defensores da «língua perfeita» do movimento *politically correct* surgido na sequência do *linguist turn* das ciências sociais dos anos 70. Nessa perspectiva, o propósito deliberadamente restauracionista a que obedece a estratégia explanatória da metodologia weberiana adoptada pelo autor torna-se mais claro se atendermos ao público universitário ao qual se destinou em primeira mão a publicação deste ensaio. Com efeito, o autor identifica claramente, através da mobilização de uma parte significativa da abundante bibliografia dos principais actores da «querela dos métodos», o duplo desafio com que deparavam na era guilhermiana os estudos culturais e as ciências sociais nascentes, um que provinha da influência crescente das teses discontinuistas da teoria do conhecimento histórico e das «ciências ideográficas» desenvolvidas pelos neokantianos — *Verstehen* e interpretação *versus* explicação objectivista «nomológica» da tradição positivista — e outro que irrompia com a gestação da nova ortodoxia económica apoiada numa teoria subjectiva do valor-utilidade, defendida simultaneamente (1871) por Stanley Jevons e Carl Menger, ambos considerados os primeiros teóricos do *individualismo metodológico*. Ora, tanto o contexto intelectual germânico dos finais de Oitocentos, o qual F. Ringer vai delineando *par e passu* com a apresentação das posições teóricas dos múltiplos actores do «conflito dos métodos», como os próprios termos em que se desenvolvia essa seminal

contenda teórico-metodológica apresentam flagrantes analogias com a paisagem intelectual dos actuais debates suscitados pelas posições marcadamente interpretacionistas, de tipo relativismo *fin de siècle*, no diagnóstico recente de J. Alexander (1999), frente às quais o *individualismo metodológico* defendido por alguns sociólogos de renome se desenvolveu em «crescendo» contraponto até se aproximar, de forma tanto mais autista quanto mais redutora, da concepção puramente técnica do mesmo definida pelos economistas marginalistas na área especializada da teoria económica. Na medida em que a metodologia weberiana investe a posição arbitral entre essas duas vertentes do conflito dos métodos numa postura epistemológica inspirada na de G. Simmel (1892), como F. Ringer relembra oportunamente (pp. 29-31), logo se vê que este ensaio em defesa esclarecida da metodologia de M. Weber constitui um acto deliberado de intervenção nas guerras interdisciplinas em que se embrenharam na década de 90 muitos departamentos de estudos culturais (uma especialidade académica de além-Atlântico que não possui equivalente na Europa, embora se recorte com as nossas «ciências humanas»), seguidos não raramente pelas disciplinas das ciências sociais mais desestabilizadas pelo declínio do(s) estruturalismo(s)/funcionalismo(s) e por uma dupla investida de teorias sociais adversas, ou seja, a das abordagens interpretacionistas, mais ou menos inspiradas, derivadas da hermenêutica, por um lado, e a dos de-

fensores da concepção economista da acção social desenvolvida na esteira dos desdobramentos dos mecanismos metodológico-individualistas.

Nesta perspectiva, a leitura deste livro, importante para todos os investigadores que lidam mais ou menos empaticamente com a herança teórica e metodológica legada por M. Weber, tem o mérito de suscitar ampla discussão onde há lugar para reparos de vária ordem. Para me limitar àquele que me parece ser o mais fulcral, é o facto de F. Ringer não lograr elucidar, pelo menos na leitura que fui capaz de fazer do ensaio no seu todo e em particular de um subcapítulo do capítulo 3 consagrado à «sociologia interpretativa» (pp. 100-110), a ambiguidade do *raciocínio sociológico* (J.-C. Passeron, 1992) de M. Weber, subjacente à sua sociologia interpretativa reposta por inteiro na primacidade da racionalidade instrumental, ou seja, no «tipo puro» da acção racional relativa a objectivos bem identificados/áveis (pelo actor e pelo investigador), directamente importado da metodologia económica pela via do ensaio de C. Menger de 1883, o qual iria constituir a peça central do *puzzle* metodológico

da idealtipificação weberiana. Ora a abundante literatura sobre esta questão, que se desenvolveu sobretudo na sequência da reavaliação proposta por J. Habermas (1981), não é sequer mencionada pelo autor, como não se mencionam tão-pouco os debates actuais sobre as condições de possibilidade de um espaço assertório não popperiano próprio das ciências sociais e em cujos termos se traduzem actualmente, e mais adequadamente do que por referência ao neo-positivismo já quase esquecido de C. Hempel, os fundamentos epistemológicos não só das ciências sociais, mas das mais diversas e variadas ciências especializadas.

FERNANDO MEDEIROS

BIBLIOGRAFIA

- ROTH, Guenter (1999), Recensão do ensaio de F. Ringer, in *American Journal of Sociology*, vol. 104, n.º 4, Janeiro de 1999, pp. 1243-1245).
- ALEXANDER, Jeffrey C. (1995), *'Fin de siècle' Social Theory: Relativism, Reduction, and the Problem of Reason*, Londres, Verso.
- PASSERON, Jean-Claude (1992), *Le raisonnement sociologique*, Paris, Nathan.
- HABERMAS, Jürgen (1981), *Théorie de l'agir communicationnel*, vols. I e II, Paris, Fayard (1987).